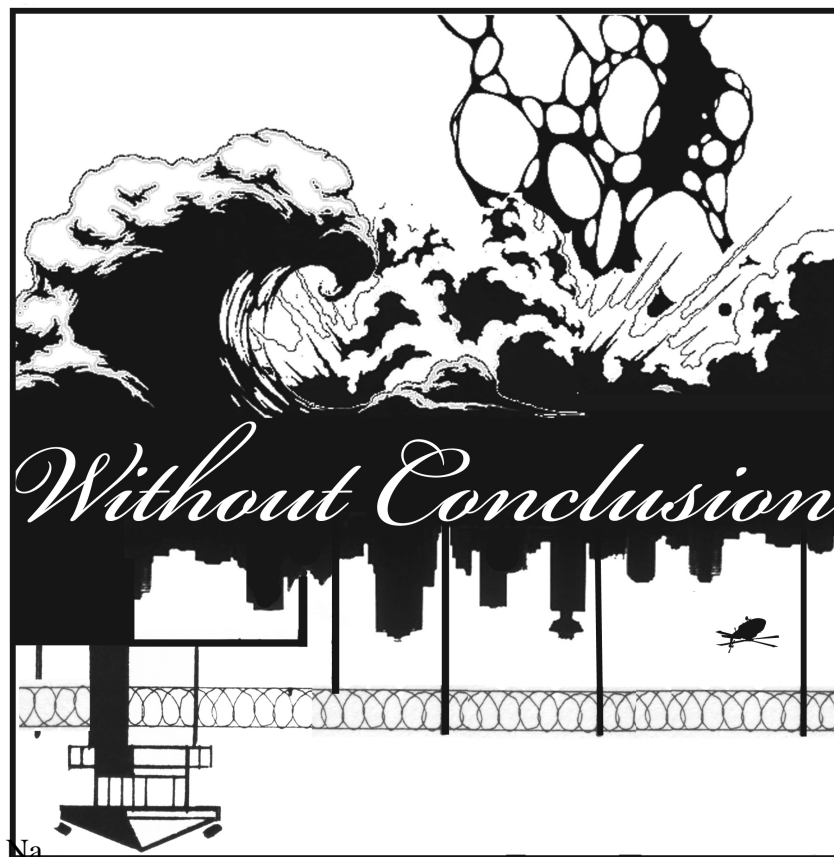


**QUE
A
REVOLTA
SE
ALASTRE!!!**



OS RECENTES ESFORÇOS ANARQUISTAS



NA COSTA SUL DO PACÍFICO DO CANADÁ

ÍNDICE

Introdução	3
Olimpíadas	4
Desenvolvimento	7
Espaço	10
Solidariedade Indígena	12
Controlo e Coerção Nesta Prisão ao Ar Livre	17
Respostas Directas	18

França. O acto foi declarado como “...uma negação e um abraço. Negando o controlo da câmara e da lei sobre as nossas possibilidades, este acto abraça a solidariedade com todo/as o/as outro/as que lutam pela liberdade na destruição das prisões e desta sociedade prisão.” Em Agosto de 2008, a janela do GLC foi quebrada em solidariedade com as centenas de prisioneiros na Europa que participaram na greve de fome em massa de 1 a 7 de Agosto, em particular com os anarquistas Gabriel Pombo da Silva, José Fernandez Delgado e Amadeu Casellas.

A 6 de Agosto um comunicado na *Internet* reivindicava a responsabilidade pelo fogo posto em dois veículos da polícia, numa carrinha de xerife e num todo-o-terreno da polícia no *Downtown Eastside*. As razões dadas no comunicado eram “...a polícia e a segurança privada; os tribunais, os xerifes e os juizes continuam a reforçar a ordeira e legal troca de mercadorias e de dinheiro com um controlo social sem limites. A sua cumplicidade está presente no exemplo do desenvolvimento, da repressão policial e da prisão. Devem esperar nada menos do que incêndios de carros e expressões criativas do nosso desprezo.” Esta acção foi também reivindicada em solidariedade com os prisioneiros em greve de fome na Europa e com os mesmo três anarquistas antes mencionados com o adicionamento de Marco Camenisch.

Anarquistas de Vancouver, 2009

Respostas Directas

Em 1995, um Centro de Policiamento Comunitário (CPC) foi criado em *Grandview Park*, na área comercial do Este de Vancouver. Desde o seu começo que tem enfrentado uma forte oposição, incluindo o envio de cartas, protestos públicos e ataques ao próprio edifício. Em 2005, depois de inúmeras janelas partidas, ataques com bombas de tinta, tentativas de fogo posto e do perturbar das sessões de recrutamento do CPC, foi finalmente forçado a sair daquela zona.

Em Novembro de 2008, na sua nova localização em *Commercial Drive*, pedras foram atiradas a três das cinco janelas do centro na mesma noite em que dois outros CPC's e dois escritórios de liberdade condicional viram as suas fechaduras coladas. O custo para a substituição das janelas foi de \$2.740, e em Janeiro de 2009 o CPC fez um pedido público de doações para cobrir esses gastos. Em Janeiro de 2009, o CPC ficou com três das suas janelas quebradas, mais uma vez. O pedido de doações subiu para \$6.000. Depois, em Fevereiro, o CPC recebeu uma doação de pedras que partiram as janelas que faltavam e a porta de vidro do centro. Agora totalmente coberta por contraplacado, foi tornado público que neste momento precisam de \$16.000 para substituírem o vidro e instalarem portadas protectoras, e o CPC afirmou ainda que “*se fecharmos, eles ganham.*” Três cartazes foram colados em grande quantidade nas redondezas explicando a situação e encorajando a ainda mais acção contra os CPC's. Um dos cartazes dizia que o CPC é uma “*...instituição de controlo social que trabalha no interesse dos ricos e na promoção da gentrificação na área de Commercial Drive... Eles tentam transmitir uma imagem amigável, direccionada à comunidade, para dissimular a verdadeira natureza das suas actividades.*” O CPC respondeu com artigos nos meios de comunicação *mainstream*, chamando aos atiradores de pedras e aos distribuidores de cartazes de paranóicos, cobardes, também dizendo “*Estamos boquiabertos... não é roubo, não é diabrura. Eles são, basicamente, anarquistas.*”

O Gabinete de Liberdade Condicional (GLC) em *Commercial Drive* teve também o benefício de ter sido um repetido alvo de hostilidade. O GLC foi grafitado e teve a sua fechadura colada a 7 de Dezembro de 2007, na noite da extradição do guerreiro indígena John Graham. Em Junho de 2008, o gabinete foi cobertos de *graffitis* tais como “*Foda-se a Liberdade Condicional,*” “*Destruam as prisões, agora!*,” “*Solidariedade entre fronteiras*” e “*A Liberdade é o nosso crime!*,” na mesma noite em que duas câmaras naquela rua foram obscurecidas com tinta. Isto foi reivindicado enquanto parte de uma semana de “*Solidariedade Entre Fronteiras,*” devido à detenção e aprisionamento de 5 anarquistas em

Este artigo é um apanhado de alguma da actividade anarquista no contexto da chamada “*Colômbia Britânica, Canadá*”, escrito por anarquistas a viver em Vancouver. Muito do que poderia ser aqui dito, não o é, sobretudo devido à nossa corrente situação. Focamos principalmente os acontecimentos a partir de 2006. Para perceberem o que se passou antes, poderão encontrar mais informação em: geocities.com/insurrectionary_anarchists e em *A Murder of Crows* n.1 (Projectos anarquistas insurreccionais e conflito social em Vancouver).

Os anarquistas na Colômbia Britânica usam diferentes formas de acção: desde a organização de manifestações públicas, a sessões de informação e de solidariedade, passando pela publicação e distribuição de textos de análise. Para além dos seus próprios projectos, os anarquistas têm-se envolvido em lutas com trajectos paralelos ou que se confrontam com as mesmas forças exploradoras. Pode-se observar uma estratégia geral que implica o fornecimento, às lutas já existentes, de exemplos de meios mais directos para atingir os seus objectivos, com a esperança de que esses objectivos se possam, eventualmente, expandir, até incluírem uma mudança em todas as esferas da sociedade. Tenta-se essencialmente expandir os conflitos sociais, agudizando-os, enquanto exemplo de auto-organização e de acção directa.

Olimpíadas

A “Grande Ideia dos patrões,” as Olimpíadas, correctamente denominada pelos anarquistas gregos na altura em que se deram os Jogos Olímpicos de 2004, chegará a Vancouver em 2010. Digamos que já se encontram presentes. Antes da escolha do Jogos Olímpicos em 2003, o desenvolvimento urbano, o turismo e a exploração de recursos naturais foram fortemente promovidos, para que se vendesse uma imagem da Colômbia Britânica a nível internacional. Não sendo apenas um acontecimento, as Olimpíadas funcionam para comercializar esta terra, através de estâncias de *ski*, da exploração mineira, dos portos de mercadoria, de auto-estradas e da segurança; para catalizar e assegurar o projecto dos patrões. As Olimpíadas servem para reforçar os projectos de exploração e de controlo social por toda a Colômbia Britânica, que vão, em muito casos, integrar e reforçar a estrutura capitalista internacionalmente.

Inicialmente, os anarquistas da Colômbia Britânica foram inspirados na participação de esforços anti-Olimpíadas devido à contínua resistência indígena às estâncias de *ski* e ao desenvolvimento, que destrói a terra e diversas formas de vida. Ao continuarem a longo termo lutas pré-existentes, a resistência indígena encontra-se na vanguarda da luta anti-Olimpíadas.

O sentimento anti-Olimpíadas foi-se generalizando nas pessoas através de experiências directas de gentrificação, de desenvolvimento e de destruição ecológica. No início, em Vancouver, o que de mais expressivo foi organizado contra as Olimpíadas partiu do Comité Anti-Pobreza, pressionando o governo para a construção de mais habitações sociais e para a diminuição das despesas inerentes aos Jogos. “Casas sim, Jogos não!” gritaram. Para nós, a construção de mais habitações sociais significa uma maior exploração da terra e do trabalho, e, na prática, uma maior gestão do governo da vida dos excluídos. Este comité foi tendo cada vez menos importância. Muitos dos seus membros juntaram-se à Rede de Resistência às Olimpíadas (RRO), um grupo de organização aberta, iniciado por alguns indígenas e grupos de activistas.

Em 2006, um campo foi erigido pelos residentes a Oeste de Vancouver para pararem a expansão numa auto-estrada em *Eagle Ridge Bluffs*. Lamentavelmente, nenhum/a anarquista de Vancouver participou no campo, que se encontrava na zona mais fina de Vancouver. No despejo

Controlo e Coerção nesta Prisão ao Ar Livre

O controlo social e coerção que existe numa miríade de escalas na Colômbia Britânica, parece ter um traje para cada ocasião. Dando uma aparência de melhoramento da nossa segurança, o controlo brota de olhos e ouvidos à medida que câmaras de segurança são instaladas em quarteirões e lojas. O Departamento da Polícia de Vancouver esforça-se por recrutar publicitando a sua inclusão multicultural, mas o controlo foi despido de aparências quando um jornalista foi brutalmente agredido e roubado por três polícias que disseram ao homem enquanto lhe batiam “não gostamos de pessoas escuras, amiguinho.” Um destes três porcos era antigamente um voluntário do centro de policiamento comunitário e treina os polícias para o uso da força. Em vários bairros, o controlo vem vestido de polícia de ronda amigável de centros policiais comunitários sem fins lucrativos. O controlo aparece bem desnudado com as suas metralhadoras, máscaras de gás e helicópteros, enquanto milhares de militares canadianos se preparam para as Olimpíadas com operações militares, chamadas de bronze, prata e ouro. Tragicamente, o aumento do controlo, na sua bem familiar manifestação, fica bem demonstrado na recente morte de Robert Dziekanski, um imigrante polaco que morreu depois ter sido atingido várias vezes por uma *taser* pela RCMP (polícia nacional do Canadá). Um dos agentes policiais responsável pela morte de Dziekanski, Monty Robinson, que esteve também envolvido em *Sun Peaks*, faz agora parte da unidade integrada de segurança das Olimpíadas, tendo também conduzido bêbado causando um acidente que levou à morte do jovem motociclista Orion Hutchinson.

A RCMP está a utilizar uma intimidação aberta batendo à porta de anarquistas e activistas nativos que lutam pela sua soberania, procurando informação sobre as “perturbações e acção directas” anti-Olimpíadas,” ou na de pessoas que apoiam tais actividades. Uma equipa da RCMP designada para as Olimpíadas tentou marcar encontros entre pessoas apanhadas a fazer graffitis anti-Olimpíadas.

Anna Mae Pictou Aquash em 1975, sua amiga e guerreira no Movimento Índio Americano (MIA). O John Graham está correntemente aprisionado no Dakota do Sul a aguardar julgamento.

Inspirando pela resistência do John à extracção de urânio, à exploração da terra e à colonialização, os anarquistas de Vancouver (e por vezes anarquistas de outras partes da Colômbia Britânica) assistiram ao seu julgamento, visitaram-no enquanto esteve em prisão domiciliária e na prisão, montaram workshops, sessões informativas e colectas de fundos, colaram cartazes, escreveram panfletos e apoiaram acontecimentos em solidariedade com o John organizados pelo Movimento de Juventude Nativa ou pelas suas filhas. Existe também uma contínua campanha de *graffiti* em solidariedade para com ele.

A solidariedade anarquista com o John Graham significa o continuar com a luta contra o desenvolvimento, contra a extração de urânio, contra a polícia e contra todas as prisões. Como a própria Anna Mae Pictou Aquash disse depois de ter sido detida e ameaçada pelo FBI em Setembro de 1975, “*As prisões não são uma solução para os problemas.*”

do campo, uma anciã e guerreira indígena, Harriet Nahanee, foi detida. Em Fevereiro de 2007, pouco tempo depois de ter sido libertada da prisão, onde estava por se ter recusado a abandonar o campo ou a reconhecer a autoridade dos tribunais, morreu de pneumonia, provocada pelo seu aprisionamento. O falecimento da velha guerreira Harriet Nahanee trouxe uma maior intensidade à luta anti-Olimpíadas.

Em Março de 2007, uma enorme bandeira Olímpica foi roubada da Câmara Municipal de Vancouver, somente seis dias antes da “cerimónia de iluminação da bandeira.” A acção foi reivindicada pela Sociedade Guerreira Nativa “...em honra a Harriet Nahanee...” No dia da cerimónia da bandeira, a Câmara Municipal foi completamente cercada de polícias. Alguns anarquistas, que foram à planeada manifestação contra a cerimónia da bandeira, decidiram não ir contra o cordão policial, ficando a um quarteirão do local, sendo ainda assim perseguidos pela sedenta polícia.

A 15 de Março de 2007, os anarquistas de Vancouver organizaram uma manifestação contra a polícia e contra as Olimpíadas, promovida como uma “Acção de Rua Contra os Bófiás,” no Dia Internacional Contra a Brutalidade Policial. Este foi o quinto ano consecutivo em que os anarquistas organizaram esta manifestação em Vancouver. Com a grande infiltração de polícias entre os participantes daquele ano, com o controlo intensivo do terreno e com helicópteros de reconhecimento, a marcha estava literalmente enjaulada com porcos a servir de parede e com porcos dentro dela.

Uma contribuição por parte dos anarquistas de Vancouver, que pode ser discutível em termos de sucesso, foi o início de uma campanha de ataque contra o *Royal Bank* do Canadá (RBC) (um grande patrocinador) e um correspondente apelo para que todos se juntassem a um “vandalismo amador.” O que é inquestionável é que os comunicados na *Internet* encorajaram uma vaga de vitrinas partidas do RBC por todo o Canadá. Ainda que esta destruição de propriedade pareça não se ter expandido para fora dos circuitos radicais, o apoio público a este tipo de sabotagens tem aumentado. A onda de vandalismo tem custado ao RBC cada vez mais dinheiro em novas vitrinas e em caixas Multibanco, e aumentado a segurança (de facto uma parte ínfima dos ganhos de companhias que têm milhões de lucros por ano). Para além dos custos para o RBC, o vandalismo também funciona para danificar a santidade da propriedade.

Outras acções directas que ocorreram na Colômbia Britânica incluem fogo posto em veículos da *Kiewit and Sons* (a companhia que se encontra a construir a auto-estrada arterial para as Olimpíadas), deitar cimento nas sanitas do *McDonald's* (patrocinador), bombas de tinta nos

cartazes de publicidade das Olimpíadas de Vancouver. Outros ataques que foram reportados pelos meios de comunicação corporativos incluem \$50,000 de prejuízo em equipamento de construção pertencente a uma empresa contratada pelas Olimpíadas, somente uns dias depois de um trabalhador ter morrido nesse local de trabalho. Este vandalismo direccionado e outras numerosas acções relacionadas com as Olimpíadas, proporcionam uma referência para a acção como possibilidades de destruição de propriedade e sabotagem.

Como a luta anti-Olímpica pode contribuir para a criação de uma mais generalizada revolta social, tem sido um tema central de debate entre os anarquistas de Vancouver. Para os anarquistas, um aspecto importante da luta contra os Jogos Olímpicos tem sido a questão de como comunicar que o problema não é só as Olimpíadas, mas o sistema como um todo. Os anarquistas têm bombardeado a cidade com *graffitis*, lançaram várias pequenas publicações, criaram *blogs* e escreveram comunicados de acção directa na *Internet* a explicar os motivos, com diversos tipos de análise. Dentro da questão de como comunicar existe a questão de com quem. Uma principal crítica de grande parte das comunicações anarquistas correntes é a de que elas são dirigidas exclusivamente a outros anarquistas - levantado a questão de se é importante o encorajamento de mais anarquia ou de mais anarquistas? Não estamos a dizer que não é importante a comunicação com outros anarquistas, mas se a intenção de determinadas comunicações é de contribuir para o alastramento da luta social, seria sensato espalhar informação e análise de uma forma que seja acessível às pessoas que não sabem que existem *blogs* anarquistas.

Os anarquistas de Vancouver participam, de facto, na perturbação de certos acontecimentos Olímpicos e em manifestações anti-Olimpíadas. Contudo, a organização é mais focada na tentativa de perturbar certos projectos capitalistas acelerados pelo combustível das Olimpíadas. Como estratégia, atentar somente contra as Olimpíadas deixa espaço para que os próprios projectos não sejam postos em causa. Ainda assim, atentar contra o espectáculo pode também levar a um clima instável para o investimento.

solidariedade iniciada pelos anarquistas que criaram laços com as pessoas indígenas da região. Bloquearam uma ponte temporariamente e penduraram bandeiras em que dizia “*Six Nations*, não estás sozinha,” e “Solidariedade com os guerreiros de *Six Nations*.”

Também em Ontário, a 25 de Abril de 2008, a Polícia da Província de Ontário (PPO) cercaram várias pedreiras, reclamadas e desencarregadas em 2007 pelos nativos da reserva de *Tyendinaga* (Nação *Mohawk*) em Ontário. Os *Mohawks* que se encontravam a ocupar um local proposto para desenvolvimento retiraram-se para as pedreiras sob ameaça de um ataque. Exigindo a rendição dos *Mohawks* que se encontravam a ocupar o local, a polícia tirou-lhes as armas, atacando e detendo vários *Mohawks*. Em resposta, uma estrada foi levantada perto das pedreiras e foi ateadado fogo num campo para afastar a polícia, enquanto que o povo de *Six Nations* bloqueou a auto-estrada 6, que passa perto da Caledónia, com uma torre hidroeléctrica. Os anarquistas e Ontário responderam, indo aos locais ocupados em *Six Nations* e *Tyendinaga*.

Em solidariedade com a luta em *Tyendinaga* e em *Six Nations*, a 28 de Abril de 2008, em Vancouver, cerca de uma centena de apoiantes nativos e não nativos, incluindo os anarquistas, marcharam juntos e bloquearam um importante trajecto de camiões a Este de Vancouver. A marcha foi uma iniciativa de anciões nativos e foi apoiada por guerreiros e outros apoiantes, bloqueando uma importante via por 3 horas durante a hora de ponta e causando um grande engarrafamento que se estendeu à fronteira com os Estados Unidos.

Um comunicado anónimo de uma acção em Vancouver em solidariedade com as acções anti-desenvolvimentistas do povo de *Six Nations* em Brantford, Ontário, diz-nos, “*Na noite de Segunda-feira, a 14 de Julho de 2008, a este da ponte de Abbotsford-Mission (perto de Vancouver), um espesso arame de cobre foi posto na carris dos comboios, conectando duas carris para imitar um bloqueio e, esperançosamente, perturbar o tráfego de comboios durante horas. Este é um sítio estratégico já que é fulcral para as três maiores companhias de comboios... Se a nossa solidariedade for expansiva, perturbadora e bem dirigida, podemos aprofundar a nossa própria luta pela liberdade, inspirando também outros.*”

Os anarquistas em Vancouver, Canadá, têm sido solidários com o guerreiro indígena John Graham desde que as audiências para a sua extradição começaram em 2004. O John vivia em Vancouver há já alguns anos o que levou à sua detenção. Os anarquistas primeiramente tiveram conhecimento da acusação do governo dos EUA contra o John Graham a partir do Movimento de Juventude Nativa, de amigos comuns e da sua família. O FBI acusa o Graham de ter morto a sua camarada

Mundo saiba que não deve vir à nossa terra e que devem boicotar o KKKanadá e os Jogos Olímpicos de 2010. O turismo não é bem recebido aqui.”

Em Maio de 2000, pessoas da nação *St`at`imic* construíram um campo nas montanhas, 4 horas a norte de Vancouver, para pararem com o desenvolvimento de uma estância de *ski*. O campo, chamado de *Sutikalh*, continua a impedir com sucesso a construção da estância, actuando como um centro de convergência no contexto da resistência e subsistência pela terra. Os *St`at`imic* a viverem em *Sutikalh* vêem o campo como uma protecção da água das montanhas e como um desafio ao sistema de reservas, encorajando as pessoas a reocuparem território tradicional e a viverem activamente na terra. Os anarquistas na Colômbia Britânica apoiaram intensamente o *Sutikalh* e sentiram o seu apoio ao longo dos anos através da formação de relações, do abastecimento de mantimentos e de apoio monetário, da construção e da jardinagem. Nos últimos cinco anos, os anarquistas reuniram-se ali no fim do Verão para colherem e preservarem as bagas, para treino físico e para discussões.

A luta em *Sutikalh* não terminou, enquanto as Olimpíadas de Inverno de 2010, a terem lugar na estância de *ski* bem ali perto em Whistler, aumentam o perigo para a área ao estimular o mercado de investimentos (i.e., as companhias poderão estar mais preparadas para investir devido às condições favoráveis criadas pelos Jogos). Por tais razões, o *Sutikalh* continua a ser um importante ponto de focagem para a resistência da comunidade a qualquer potencial estância. Depois de 9 anos, o *Sutikalh* permanece como uma expressão de soberania dos *St`at`imic* e do seu desejo de protegerem o seu território e o seu modo de vida. Conseguiu defender-se de ataques de colonizadores e raides policiais, e continua a receber apoio das comunidades *St`ai`imic*.

A solidariedade é um conceito comum aos anarquistas e ao movimento de resistência indígena. Comumente, quando um local de resistência está sobre ataque, outras nações por todo o país respondem bloqueando auto-estradas, pontes e caminhos-de-ferro, ou ocupando escritórios. Os anarquistas, por todo o Canadá, incluindo a Colômbia Britânica, por vezes participam nas lutas indígenas em solidariedade.

Em 2006, os anarquistas de Vancouver visitaram a urbanização ocupada perto de *Six Nations*, em Ontário, e mantiveram-se aí por alguns dias. Retornando a Vancouver, os anarquistas fizeram uma sessão informativa sobre a luta em *Six Nations* e contra o desenvolvimento, e participaram numa manifestação dirigida pelos nativos que bloqueou parcialmente uma importante ponte da baixa. Em Courtney, na Colômbia Britânica, houve outra manifestação de

Desenvolvimento

“Desde que Vancouver-Whistler foi anunciada como sede para os Jogos Olímpicos de Inverno de 2010 no ano de 2003, Vancouver tem experienciado despejos em larga escala e a deslocação dos pobres da cidade. Centenas de Quartos Singulares de Habitação (QSH) de baixo rendimento foram perdidas na Downtown Eastside (DTES), o bairro mais pobre de Vancouver e um ‘corredor’ chave para os meios de comunicação das Olimpíadas e para os turistas. Na maioria foram hotéis, forçados a fechar pelos próprios proprietários, que procuravam demoli-los ou renová-los para os tornar próprios à indústria Olímpica/ turista, ou pela Câmara Municipal, encerrando edifícios que violavam os códigos de segurança de saúde ou de possibilidade de incêndio.”

- Homelessness 2010: Background

O desenvolvimento é anunciado como um melhoramento necessário, o filho inocente do progresso. Contudo, é pouco mais do que a imposição da vontade de lucro sobre as nossas vidas. O desenvolvimento é um processo enraizado na ocupação e na exploração da terra e das pessoas, com o sentido de extrair recursos (matérias-primas e território) para serem reconstituídos enquanto blocos de edifícios para a gestão do espaço.

O desenvolvimento e a deslocalização da *Downtown Eastside* são comumente promovidos como “revitalização.” Este bairro é o principal corredor do influxo dos visitantes das Olimpíadas e dos meios de comunicação. Também é estrategicamente importante para o massacre da gentrificação, já que se encontra entre os turistas chave e as áreas económicas. O uso de drogas abertamente, a pobreza e os pequenos delitos é comum por aí, sendo considerados um obstáculo a uma maior confiança no investimento. A “revitalização” é verdadeiramente uma colaboração de várias forças económicas; as galerias de arte, as universidades, os construtores de condomínios, a cidade e os serviços sociais encorajam o crescimento da gentrificação de onde ela já existe (nas áreas circundantes) e, essencialmente, forçam a deslocação dos elementos indesejáveis. Esta “revitalização” é um outro aspecto da subjugação dos povos indígenas, já que uma percentagem significativa dos residentes da *Downtown Eastside* é de nativos deslocados dos seus próprios territórios.

Alguns anarquistas de Vancouver participaram na *Woodwards Squat* em 2002, no limite da *Downtown Eastside*. A casa ocupada, despejada depois duma semana, foi proposta para requalificação no espaço de um ano. A cidade utilizou as reivindicações para uma “habitação social” dos esquerdistas da *Woodwards Squat* para promover uma requalificação, prometendo um mercado misto de habitação (algumas

unidades de baixo rendimento num mar de ricos; “diversidade”). Estas escassas unidades habitacionais públicas são também problemáticas já que apenas alojam aqueles que são complacentes com a burocracia, com as listas de espera e com os padrões governamentais. A requalificação da *Woodwards* foi cabeça de cartaz da “revitalização,” tendo ganho força já que a cidade pagava mais do que o valor de mercado para comprar uma dúzia de hotéis QSH, e os construtores começaram a demolir edifícios, reconstruindo condomínios de luxo (um processo que ainda não viu um estágio de mercado final). A requalificação da *Woodwards* foi o calculado cavalo de Tróia da gentrificação, como nos disse o “Rei dos Condomínios”, Bob Rennie, na sua promoção da *Woodwards*, “Sê corajoso ou vai para os subúrbios.” Corajoso para viver perto (ainda que separado por medidas de segurança) daqueles que explora.

Em Novembro de 2008, um espaço, livre de renda, foi oferecido na *Downtown Eastside* a alguns artistas por um período de um ano. O espaço, propriedade de alguns notáveis senhores do bairro, deveria ser dirigido por artistas locais, que convidaram a participação dos anarquistas, e que usariam o espaço para participar na revitalização do bairro. Resolvendo o “problema” dos ocupas drogados e de um edifício em vias de demolição, os senhores do bairro sairiam com a imagem de benfeitores generosos, dando um desejado crédito político ao seu nome. O desenvolvimento deste espaço para a venda de arte é vital apenas para os artistas, para os seus clientes (os ricos) e para os construtores e imobiliárias, que usariam este espaço como um cartaz publicitário para vender o bairro enquanto experiência cultural enriquecedora.

Outra gigantesca urbanização no horizonte prepara-se para transformar *Little Mountain*, o mais antigo projecto de habitação governamental de Vancouver. O projecto foi construído em 1954, resultado da pressão de veteranos da Segunda Guerra Mundial que se tornaram ocupas, ocupando ilegalmente um hotel e uma base militar inutilizada. Algumas famílias viveram em *Little Mountain* durante algumas gerações. O projecto habitacional tem sido chamado de “desperdício de espaço” porque existem grandes áreas verdes entre os edifícios. O valor do espaço social, onde as crianças brincam e onde os vizinhos partilham comida, tem sido quantificado. 210 apartamentos, dos 224 originais, foram já despejados. Ainda que proposto para demolição e desenvolvido num misto de mercado e de habitações sociais, parecido com o modelo de *Woodwards*, os habitantes dos 14 apartamentos recusam-se a sair e, conjuntamente com organizações activistas, criaram uma campanha para salvarem as suas casas.

de bagas e corte de árvores na ‘privatizada’ terra corporativa em território *Secwepmec*.

As estâncias de *ski* que correntemente se expandem, ou estão prontas a expandirem-se, (algumas directamente devido às Olimpíadas) pela Colômbia Britânica têm encontrado resistência das nações *Nlaka`pamux*, *Secwepmec* e *St`at`imic*.

Este Verão, alguns anarquistas visitaram o campo *Nlaka`pamux* que foi levantado na Montanhas *Coquihalla*, para despertar a resistência à expropriação da sua terra para o desenvolvimento de estâncias de *ski*. O campo foi levantado onde pessoas têm acampado há milhares de anos durante a apanha das bagas e reuniões medicinais.

Os anarquistas na Colômbia Britânica têm contribuído no apoio à luta dos *Secwepmec* pela sua terra desde os desacordos de *Gustafsen Lake* em 1995. Um conflito armado de um mês ocorreu entre a polícia e os povos indígenas na sua nação ancestral. O conflito começou quando um rancheiro branco dali começou a pedir que o campo *Sundance* dos *Secwepmec* saísse da terra que ele afirmava como sendo sua. As pessoas que nele se encontravam incluíam homens, mulheres, crianças e idosos. A polícia disparou milhares de munições contra o campo. Os anarquistas apoiaram os defensores de *Ts`peten*, a *Gustafsen Lake* para os *Secwepmec*, através de apoio jurídico, informação, *sites* na *Internet* e recolha de fundos. Em 2005, os anarquistas de Vancouver participaram no 10 aniversário do encontro em *Ts`peten*.

O povo *Secwepmec*, incluindo alguns dos que se encontravam dentro do conflito em *Gustafsen Lake*, tem lutado contra a estância de *ski* de *Sun Peaks* desde 1997. Em 2004, houve um apelo de *convergência em Sun Peaks*, em que compareceram defensores da terra nativos e apoiantes não nativos, incluindo os anarquistas. Nesse dia uma estrutura foi construída usando apenas madeira cortada no campo de golfe de *Sun Peaks*. Os *Secwepmec* ocuparam a estrutura para observarem a destruição da sua terra pela estância de *ski*, para afirmarem o seu território e para espalhar informação. O campo, que durou um mês, antes do seu despejo, foi ocupado e apoiado primeiramente por nativos com a contribuição de alguns anarquistas e activistas. *Sun Peaks* é um sítio de treino das Olimpíadas para equipa austríaca de *ski*.

A guerreira do Movimento de Juventude Nativa (MJN), Tselletkwe, da Nação *Secwepmec*, foi detida numa manifestação de perturbação que pretendia interromper o desvelar do relógio para a contagem descrente até às Olimpíadas. Ela fez esta declaração quando foi libertada, dizendo “A nossa terra não está à venda, ainda estamos em guerra com o KKKanadá, nunca entregámos a nossa terra. Queremos que todo o

Solidariedade Indígena

A resistência indígena à colonização é uma fonte de inspiração na luta anarquista local contra o industrialismo, o capitalismo e o Estado. A instituição da colonização só existiu na Colômbia Britânica nos últimos 150 anos, mas o seu impacto tem sido rápido e brutal. O Decreto Índio, formalizado em 1876, confinou a população indígena a reservas, a escolas residenciais cristãs abusivas e a uma linguagem e modo de vida marginal. Desde o início da colonização houve uma forte oposição armada pelas nações indígenas, que esmoreceu por volta de 1890. O Estado Canadano está ainda imbuído numa guerra contra insurgente, para assegurar os recursos para a expansão do capital. Nos anos 60 deu-se um ressurgimento da resistência nativa na forma de sociedades guerreiras e organizações de base, com um enfoque na reocupação da terra e na luta pelos métodos tradicionais de vida.

Quase toda a chamada Colômbia Britânica é terra não cedida. Significa isso que não houve tratados assinados e que existem direitos legais para a posse indígena desta terra. *“O processo do tratado da Colômbia Britânica, foi primeiramente posto em prática pouco depois da Crise Oka de 1990. Este Verão e Outono deram-se, na Colômbia Britânica, os maiores bloqueios de estradas e caminhos-de-ferro em solidariedade com os Mohawks de toda a região. O processo do tratado da Colômbia Britânica tem diversos objectivos: o de apresentar o governo enquanto justo e honrável por ter corrigido as ‘injustiças históricas’; o de providenciar uma certeza económica às corporações (i.e., indústria madeireira, indústria mineira, indústria do gás e do petróleo, estâncias de ski, etc.); e assimilar os povos indígenas.”*

- <http://www.warriorpublications.com/?q=node/21> **O que é o processo do tratado da Colômbia Britânica**

Os turistas são atraídos à Colômbia Britânica com histórias de uma bela e intocável terra e de áreas recreativas. Os parques, mais do que tudo, funcionam principalmente como reservatório para os bens do capitalismo, e, originariamente, para restringir o acesso aos meios de existência autónoma dos povos indígenas. A Colômbia Britânica é ainda promovida como uma ‘fronteira’ para o capitalismo e as colónias.

Mais alguns levantamentos indígenas recentes; começando em 2006, a reocupação da área urbana pelo povo das *Six Nations*, em Ontário, que conseguiu que um grande projecto de desenvolvimento não fosse feito na reserva *Sutikalh*; a contínua reocupação de terras no território *St`at`imic* para acabar com uma estância de *ski*; a persistência do uso da terra indígena como a pesca no território *Cheam* apesar das acusações e multas do Departamento das pescas e oceanos; e a apanha

O desenvolvimento urbanístico em *Little Mountain* está parado devido ao colapso económico que levou o construtor, o Grupo *Holborn*, a admitir que não irão começar a construir pelo menos durante os próximos 4 anos. Os anarquistas não tinham contacto pessoal com os habitantes desafiantes, mas, inspirados pela sua recusa em sair, visitaram e discutiram estratégias com os inquilinos resistentes. Os anarquistas fizeram convites para um encontro de moradores e apresentaram duas propostas; 1. Ocupar um edifício de apartamentos emparedado, dando força à resistência, podendo-o possivelmente utilizar como ponto de informação sobre o/ a desenvolvimento/ gentrificação na cidade. 2. Um piquete noutra urbanização do grupo *Holborn*. Estas propostas foram rejeitadas pelos habitantes e pelos activistas durante a reunião, já que não foi considerada uma boa estratégia na altura. Contudo, de maior importância foi o início de relações que foram criadas e o diálogo aberto com vista a uma futura colaboração.

Mais uma vez os anarquistas tentaram estabelecer relações com as lutas locais. Depois souberam que os habitantes de *Tsawwassen*, uma cidade a sul da Vancouver, usaram os seus carros para bloquearem o trânsito na auto-estrada 17 em Junho, que em Julho organizaram um protesto com os seus filhos numa escola e que bloquearam o acesso dos trabalhadores às instalações da *Transmission Corporation* da Colômbia Britânica (TCCB). A TCCB estava a substituir e a melhorar as linhas de alta voltagem que passavam pelos quintais dos residentes. Em Julho três residentes foram detidos. O primeiro terá alegadamente interferido no projecto ao sentar-se num cabo polar, um suporte de uma torre de transmissão, e de ter arrancado câmaras de vigilância. O segundo, terá alegadamente utilizado um grande espelho para reflectir luz em dois trabalhadores numa escavadeira mecânica, e um terceiro foi detido mas não foi acusado. A TCCB também alega que encontraram cortes profundos em cabos, que os trabalhadores estavam a ser ameaçados, incluindo um que estaria a ser ameaçado por um homem com um pé-de-cabra, e que alguém teria deitado urina por um vidro aberto de um carro desocupado que pertencia a um empregado da TCCB. Em Agosto, os anarquistas assistiram às sessões de julgamento dos dois acusados e por duas vezes visitaram os habitantes de *Tsawwassen*, criando um pouco de discussão. Infelizmente as novas linhas de alta voltagem foram instaladas.

Espaço

Os anarquistas de Vancouver sentem normalmente a falta dum espaço onde se possam organizar. Existem alguns espaços ou cafés que apoiam acontecimentos anarquistas, mas não são uma base consistente para projectos. De forma temporária, ocupam-se espaços para sessões de informação sobre prisioneiros (mais especificamente sobre John Graham, Gabriel Pombo da Silva e José Delgado), projectos, troca de conhecimentos e para semear as sementes do desprezo sobre o ditado sentido de espaço. Contudo, estes espaços carecem de uma continuidade que permita o desenvolver de uma revolta social e de relações fora da “cena” anarquista.

No Verão de 2009, os anarquistas planeiam abrir um espaço para projectos sociais, sessões de solidariedade e, com as Olimpíadas no horizonte, onde se possa receber visitantes que pretendam perturbar os negócios do costume. Porque Vancouver é uma cidade nova, existem poucos espaços vazios. Está ainda a crescer e o que se encontra temporariamente desocupado é guardado e cobiçado devido aos valores da propriedade em crescendo. Não existem direitos de ocupação no Canadá, e ainda que uma ocupação secreta de longo termo seja possível, as casas ocupadas públicas são automaticamente despejadas pelos bófiás. Ainda que este espaço seja arrendado, projectos e acções que ali ocorrerem não irão aderir aos limites impostos de um espaço legal para que possa preservar a sua existência, já que desejamos não apenas mantê-lo dentro do contexto do capital, mas que ele seja uma rampa de lançamento para o corrente conflito com o estado e o capital. Um espaço que não seja comerciável, com intenções a ser uma verdadeira ameaça aos patrões enquanto local de instigação e incontrollável. O espaço em si não é o objectivo. Fundamentalmente o espaço deve ir para além de si.

Recentemente, anarquistas de outras partes do Canadá mudaram-se para Vancouver e abriram um espaço/ projecto semi-público, *The Maquis*, na *Downtown Eastside*. Do seu texto “Sobre o *The Maquis*”:

“Temos sido inspirados por várias formas de relação e organização que têm surgido neste contexto; campos de protecção das montanhas...acções directas e autónomas, de vitrinas que se partem a fogos que se ateiam, a tenacidade dos vagabundos da Downtown Eastside que ocupam as ruas e os parques... Eles lutam todos os dias contra a repressão policial, a privatização do espaço, o desprezo dos mais favorecidos...”

Apesar desta resistência inspiradora, reparámos que existe uma flagrante falta de espaços para uma politização, para estabelecer redes e para nos organizarmos com o objectivo de confrontarmos a

dominação em todas as suas formas e através da qual a luta possa continuar... Estamos a criar um espaço para pesquisa, para a criatividade, para espalhar informação crítica, para workshops, para treino, para sessões de solidariedade, para a subversão do quotidiano, para a comunização das sensibilidades... com o objectivo de encorajar uma reapropriação radical deste território.”

Grupos e indivíduos estão a apelar a que outros se revoltem nas ruas de Vancouver contra a gentrificação, o controlo social e as Olimpíadas. Mais formalmente, a RRO está a apelar a uma convergência em Vancouver contra as Olimpíadas durante os jogos em Fevereiro de 2010. Um apelo informal está a ser feito às pessoas internacionalmente para que colaborem numa tentativa de se fazer artes de rua/ *graffitis* a nível internacional e que seria apelidado de “O Carnaval da Revolta.” As pessoas são convidadas a colocarem as suas paixões e críticas na parede dos seus mundos. Enquanto parte da anulação do designado sentido dos nossos espaços, este é um apelo a que mensagens de rua e imagens possam ser despejadas com o objectivo de inspirar as pessoas para além da submissão, para interagirem com os seus receios e para transformarem emoções em acções.